ALOYSIO DE CARVALHO FILHO

COELHO NETTO E A BAHIA

SALVADOR — BAHIA — 1968

Ruy Vaz –	Aluizio Azevedo
Anselmo Ribas –	Coelho Netto
Paulo Neiva –	Paula Ney
Octavio Bivar –	Olavo Bilac
Fortunio –	Guimarães Passos
Luiz Moraes –	Luiz Murat
Pardal –	Pardal Mallet
Arthur –	Arthur Azevedo
Duarte –	Arthur Duarte
Dr Teixeira –	Dr Teixeira de Souza
Lins –	Lins d'Albuquerque
Crebillon –	Henrique Pedro Guillon
Toledo –	Carlos de Toledo
Freitas –	Euclydes de Freitas
Pedroso –	João de Deus Pedroso
Franco –	Franco
Montezuma –	Orozimbo Moniz Barreto
Oliveira –	Oliveira e Silva
Victorino Motta –	Victorino Roque
Rodrigues –	Rodrigues
Raul –	Raul
Visconde de Montenegro –	Visconde da Barra Mansa.

Coelho Netto

S. Salvador - 20 - IV - 92

COELHO NETTO E A BAHIA

Aloysio de Carvalho Filho

Escrevendo no *Diário da Bahia* de 3 de abril de 1923 breves impressões da sua estada em Salvador, aonde viera presidindo uma embaixada do *Fluminense Foot-ball Club*, acentuava *Coelho Netto* ser aquele o quarto contacto que mantinha com a terra baiana e a sua gente.

Fôra o primeiro, nos longes de 1883, quando vira, «com deslumbramento, surgir do mar luminoso, no esplendor de uma manhã de novembro, que a engastava em ouro solar, esta esmeralda imensa. Tôda ela verde, reluzindo à luz, dava a impressão alvissareira de ser o reino da esperança».

Assim no-la descrevia, então, o escritor já consagrado, revivendo a sensação mirífica do adolescente, cêdo despertado para as atividades literárias. Mas se ao imberbe viajante agradara em tal maneira a paisagem, — a mesma paisagem que inspirou a *Rui Barbosa* a celebrada imagem do «verde ninho murmuroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros» — outro tanto não se dirá da impressão deixada pelos aspectos e motivos urbanos. A vetusta cidade apareceu ao forasteiro «lúgubre e tresandando a óleos e especiarias, como um mercado oriental».

Vale a pena destacar, termo a termo, a referência desprimorosa e crua:

"Saltando, porém, em terra, a esperança — tal é a sorte dessa eterna miragem — logo se desfez em desilusão: a esmeralda era como uma pedra bruta e limosa. O encanto, pouco a pouco, se desvanecia com o que se me deparava. A cidade era, tôda ela, alfurja — as ruas, vielas angustas, escuras, ladeadas de casaréu sórdido. Aqui, ali, um velho palácio abaluartado, lembrando o tempo servil e oprimido da colônia; e igrejas, refúgios da Arte, santuários, que ainda o são, da Crença e da Beleza. O mais, lúgubre, tresandando a óleos e especiarias, como um mercado oriental".

Isto, em 1883. Do que viu, quinze anos depois, guardaria, felizmente, melhor lembrança, traduzida nestas poucas porém expressivas palavras: «Em 1899, quando aqui vivi um longo mês, do qual meu coração conserva viva a saudade, já a Bahia estava no tórculo que a devia polir».

Enfim, dos dois contactos posteriores, não esconde o encantamento pela cidade que se modernizava sem sacrifício total da

tradição, uma tradição que se confunde, com o primórdio mesmo da nacionalidade:

"Tornei em 1918 e a minha impressão subiu de ponto, encontrando a gema quase, de todo, lapidada. Vejo-a agora formosa, cortada em facetas, que são as suas avenidas exteriores, remodelada na sua estrutura, desafogada e arejada nas suas ruas e praças, alfombrada em parques, florida em jardins, mas conservando sempre a grandiosidade das frondes, que lhe dão a côr viçosa, porque (louvado seja o Senhor, que foi conosco tão pródigo para que dissipássemos, como dissipamos... e estragamos) o baiano lapidou a gema sem prejudicá-la, conservando religiosamente as velhas árvores que são, a bem dizer, a tradição do solo".(1).

EMBAIXADOR DE DESPORTOS E DA INTELIGÊNCIA

Das quatro vêzes em que *Coelho Netto* nos visitou, nenhuma, por certo, lhe teria sido tão grata como essa derradeira, quando, embaixador de desportos, foi acolhido pelos intelectuais da terra como o embaixador, também, da inteligência brasileira. Ainda eram ostensivas, da parte de determinadas áreas da população, as prevenções contra o esporte bretão, já favorecido, entretanto, com as preferências populares, e corroendo, dia a dia, enradicados preconceitos, graças à convivência, que os anseios de vitória no campo impunham soberanamente, entre preliantes das mais diversas origens e condições. O papel democratizador do *foot-ball*, entre nós, iria ser pôsto à prova, ainda uma feita, visto que um clube representativo, alhures, de aristocracia social, convidado por outro que não o era menos representativo em nossa terra, (o *Clube Baiano de Tênis*) dispunha-se a enfrentar, necessàriamente, conjuntos que dos dois se desigualavam por êsse prisma, embora pudessem, até, superá-los, à luz do valor técnico.

A presidência da Embaixada, que *Coelho Netto* acedera em assumir, e, mais do que isso, a pronta disposição de sair da rotina dos seus dias, interrompendo as tarefas cotidianas, que todos sabíamos executadas sem descanso, por isso mesmo que essenciais à subsistência da família, emprestaram ao fato relêvo singular, tornando-o um acontecimento social, não meramente esportivo.

A tudo sobrelevava a presença de *D. Gabi*, de quem *Henrique Cancio* disse, numa encantadora crônica, que era, junto a *Coelho Netto*, «a fonte da bondade perene para sua sêde de bálsamo nas horas das torturas da alma». (2) Em verdade, acompanhando, naquela excursão, o marido, ainda cuidava de iludir a saudade, buscando lenitivo, se possível, para a dor que, a ambos, os esmagava, com a recente perda do filho primogênito, aquele a quem, em casa e nas arenas, todos chamavam, fraternamente, *Mano*, e que tendo sido, em vida, atleta irrepreensível, enchera de orgulho o coração do pai, desde a mocidade afeiçoado à prática e à exaltação dos exercícios físicos. (3)

Para compreender-se, em suma, o gesto de *Coelho Netto*, no seu mais vivo e generoso impulso, preciso seria, com efeito, conhecer-lhe a profunda e nunca desmentida crença na importância das competições atléticas, preparando uma juventude sadia, corajosa e forte, capacitada ao serviço da Pátria, assim nas conquistas de paz assim nas duras contingências de guerra. O grego que êle se gabava de ser, partilhava da graça de Atenas e da energia de Esparta.

Foi o que lhe disse o laureado poeta *Artur de Sales*, agradecendo, pelo *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, a conferência pública que em benefício da construção da nova sede, ainda a meio, aceitara êle realizar. Depois de lhe glorificar a obra literária, alentada e multimoda, e de lhe exalçar o «exemplo da constância, do heroismo e da fé na grandeza redentora do trabalho, da crença no poder eterno da Arte», sublimou-se no poeta o orador, ou ao orador acudiu o poeta com as louçanias de imaginação, neste epílogo, que se pode inscrever entre os mais belos instantes de eloquência baiana:

"A Bahia, saudando o escritor do **Inverno em Flor**, saúda o nacionalista, o trabalhador estrênuo do futuro. Como Olavo Bilac, que iluminou a tarde de seu dia com o clarão imortal de sua campanha, vós prosseguis nesta mesma missão, tão nobre, tão bela, do rejuvenescimento da raça brasileira. O que bebeu nestas fontes eternas da velha Grécia, o que escutou, através dos séculos, o estridor das armas helênicas, o zunido das flechas de Apólo, o ressôo da lança grega no escudo troiano, devia trazer no espírito esta visão poderosa da fôrça e do heroismo, companheiros da glória e da imortalidade.

O que tem evocado em páginas vibrantes, como acordes e sonoras como as águas de Salamina na manhã da vitória salvadora do Ocidente, os combates, as arenas da Olímpia, sentiu que nas terras novas do Brasil devia surgir uma mocidade cheia de fôrça, de alegria, da santa alegria dos fortes e dos heróis. E aí estais, neste mister de guieiro, de semeador de futuros heroismos.

A Bahia, Sr. Coelho Netto, berço da pátria brasileira, florão maior de dois impérios, levantou sempre nesta planície de quatro séculos de vida, muito alto o escudo de Atenas e muito alto a lança de Esparta.

É com esta dupla tradição de glória e de imortalidade, de heroicidade e de inteligência, que ela vos saúda, no momento em que a vossa imaginação vai evocar, num cântico, uma página de seu passado. E a casa que em breve surgirá como um monumento aos heróis da liberdade, terá transfigurada na brancura de sua coluna, de seu frontão, a vossa frase de cantor da Pátria e da Beleza. Ficará ela como aquelas pedras que a lira de Anfião desentranhava, erguia em muros e ameias, de que se cercava Tebas, a cidade de Dionisos. E nós, sr. Coelho Netto, repetiremos como Píndaro: No cimo do frontão cantam as sereias de ouro". (4).

Assim predisposta a assembléia para uma festa ateniense, um silêncio de ansiosa expectativa oprimiu a sala quando *Coelho Netto* se moveu, para falar. A quase totalidade dos assistentes, em que várias idades confraternizavam, nunca lhe havia escutado a palavra. Só o conhecia e conversava através dos livros, que estes eram lidos, alguns relidos, como «A Conquista», muitos, sem dúvida, admirados. Tudo, antes que sôbre o escritor desabasse a tormenta de incompreensões e de injustiças em que o pugilo modernista reclamou, no deflagrar da contenda, a sua cabeça olímpica. Tudo, ainda no apogeu daquela «glória tranquila, segura» a que se referia *Fialho*, festejando, em Portugal, o aparecimento do volume *Sertão*, editado no Rio de Janeiro em 1896. (5)

Todos os olhos voltados para o palco, onde sentavam autoridades e personagens graduadas, ninguém via, entre as mãos franzinas do orador, papel ou sinal de apontamento. A conferência, intitulada «O beijo das raças», ia ser declamada, ao invés de lida.

E o foi, corrente, colorida, animada, numa dicção impecável, que a mímica, rigorosamente exata, completava, de modo magistral. Era um conto maravilhoso. A «visão» do encontro das raças: *Afonso Ribeiro*, o degredado que as caravelas do descobrimento largaram nas praias de Santa Cruz, conduzido, por mão de índia gentil, até aos cimos da serrania dos Aimorés, para a posse da terra, que a seus pés se distendia por infinitos horizontes virgens, enquanto, num súbito enlevo, prendiam-se os dois, no mistério do amor, gerando, graciosa e viril, a raça que povoaria o Brasil.(6)

Herman Lima, que, «rapazinho ainda, mal chegado do Ceará para o curso de medicina, figurava entre os espectadores, e reproduziu, depois, para «O Imparcial», o inteiro teôr da oração, recordou à *Revista da Semana*, faz algum tempo, o alvorôço do seu grupo de estudantes pela «sensual evocação, a revelação amorosa da Eva Brasileira»... «Guardo de meu primeiro encontro com *Coelho Netto* — afiançava, então — uma lembrança tão viva que um quarto de século (escrevia em 1948) não a conseguiu sequer amortecer. Outro tanto que viva, creio mesmo que fàcilmente poderei tornar sempre presente, quando queira, aquela noite do *Teatro Guarani*, da Bahia». (7)

No que lhe reconhecemos absoluta razão, dado que estamos, ambos, estamos todos, além de quarenta anos da faustosa reunião, sentindo-a memorada como no minuto em que, sob aclamação, o governador do Estado a encerrou. (8)

Outra das vozes baianas ouvidas em louvor de *Coelho Netto*, como homem de letras e paladino dos esportes, — e esta na sede e em nome da *Associação Atlética da Bahia*, foi a do jovem advogado e jornalista *Clemente Mariani*, a quem se deve, também, o apanhado mnemônico da conferência que o *Diário da Bahia*, cujo quadro redacional integrava, como secretário, inseriu, a título de notícia, logo na manhã seguinte. Sua oração primou pelo pensamento amadurecido e lúcido, o que já era, aliás, apanágio da sua inteligência. A impressão de *Coelho Netto* ficaria explícita nos têrmos com que ofertou ao futuro homem público, ministro da Educação, e, em conjuntura nacional sem precedente, Ministro da Fazenda, um exemplar do seu *Breviário Cívico*: «*A Clemente Mariani*, que amanhece para a glória, oferece *Coelho Netto*». (9)

Por sua vez, na festiva homenagem dos alunos das nossas faculdades superiores, aprazada para o sobrado senhoril onde funcionava, nos Coqueiros da Piedade, a Escola de Direito, a musa juvenil de *Adalício Coelho Nogueira*, hoje respeitado professor e magistrado, celebrou em Coelho Netto, através de versos estuantes, ainda muito do seu feitio, a flama do helenismo, transportando-nos à Grécia, — «tal um mundo a surgir dos mistérios da treva!» (10)

O discurso de saudação fôra pronunciado, pouco antes, pelo terceiranista de direito *Heitor Moniz*, desde a infância afeiçoado às coisas de jornalismo e de política, graças à educação familiar na convivência com ambos os círculos, de que seu pai, *Antônio Moniz*, era indefesso militante, e justo por aquela época dirigindo a *Revista da Bahia*, periódico de cultura que há três anos idealizara e fundara, para uma vida efêmera, como do brio de publicações congêneres. (11)

Assim cantado em prosa e verso, como seria mui próprio dizer-se, talvez *Coelho Netto* recordasse outra hora de igual con-

tentamento junto à alma, ainda incontaminada pelo veneno das causas desagregadoras, da mocidade estudiosa das Escolas, a chamada «mocidade acadêmica», que perlustrava os seus livros dominada pela ânsia de nêles colher a flor do desconhecido, o filão dos vocábulos preciosos com que o escritor ora prendia a moldes arcaicos ora acrescia de pujantes rebentos a poderosa linguagem de que se utilizava. (12)

Fôra aquela outra hora, — lembramo-nos, também — a do preito que lhe prestaram os estudantes baianos, quando, em março de 1918, regressava do Maranhão, depois de pleitear, sem êxito, o mandato de deputado federal, que o partido situacionista da sua gloriosa província recusara renovar, apesar de um decênio de correto desempenho. Na concorrida sessão, efetuada no salão nobre do *Instituto Histórico*, então na sua pequena casa da praça do Terreiro de Jesus, o intérprete dos manifestantes, acadêmico de direito *Eduardo de Azevedo Espínola*, morto, outro dia, em impressionante acidente de aviação, que lhe cortou uma carreira proba nas letras jurídicas e na alta magistratura, demonstrou vivo conhecimento da obra literária do homenageado. E, como a ocasião exigia, não deixou de vibrar a nota política, lastimando que contra o Talento investisse a sandice despótica das oligarquias». (13)

Num e noutro caso, o entusiasmo contagiante da juventude justificava que êle dissesse, como o asseverou na introdução à conferência do *Teatro Guarani*, que «quem sente frio aquece-se à lareira, quem se sente velho reconforta-se ao calor da chama sagrada». (14)

De 1883 a 1923

Em 1923, como em 1918 e em 1899, *Coelho Netto* deixou esparsos, na Bahia, pensamentos e idéias que, reunidos, constituiriam mais um testemunho dos recursos onímodos da sua inteligência. Da primeira vez, ou seja, em 1883, transitou pela cidade, ignorado da sua gente: era, apenas, um adolescente, estudante de direito em São Paulo, que, desavindo com a direção da escola, ia ao Recife para exames finais da sua série. Os dias transcorridos, nesse afan, na capital nortista, descreveu-os, posteriormente, nos capítulos de abertura de *Fógo Fátuo*. Mas a Bahia, que se lhe afigurou, vista do mar, naquela resplandente manhã de novembro, uma esmeralda ao sol, aí não aparece, nem de relance.

Das outras vêzes, em convívio mais demorado, as sugestões da paisagem, o acolhimento gentil, os motivos específicos da viagem, tudo serviu de matéria a algumas curtas páginas, dignas de exumadas dos velhos jornais e dos livros clássicos de impressão de visita a instituições culturais ou de beneficência. Todos combinamos que em tais «visitas», e no consequente registro, quase sempre solicitado sem aviso, é que melhor se descobre, na inteligência do homem, o atributo da espontaneidade, atributo que em *Coelho Netto* era, positivamente, dos que mais o singularizavam.

Dois exemplares que nos acodem, ambos de 1899, agora lidos e comparados dão a medida dessa espontaneidade, e, ainda mais, da fôrça de imaginação do escritor, adequando a idéia à natureza da instituição visitada. Eis que do Hospital da *Santa Casa de Misericórdia* disse êle: «Da visita que fiz a esta casa, sucursal do Céu, levo a dôce impressão de haver encontrado em equilíbrio a grande balança que tem por fiel a religião — se a concha do So-

frimento estava abarrotada, a concha da Misericórdia nivelava com ela». (15) Suprimida a imagem de *sucursal do Céu*, demasiado vulgar, ainda que muito ao gôsto do tempo, é indubitável estarmos diante de um formoso símbolo.

Já na visita ao *Instituto Normal*, o estímulo seria, evidentemente, diverso, como se deduz destas linhas: «Vindo à Bahia, em visita ao Passado, tive a fortuna de ser recebido pelo Futuro e confesso: o meu coração de brasileiro pulsou contente com o encontro: vi a sementeira forte que será amanhã a grandeza da Pátria». (16) Sempre, à vista de crianças ou de moços que estudam, o Passado e o Futuro são postos pelo Presente em confronto, e *Coelho Netto* não pôde fugir a tal imperativo. Soube, entretanto, superar, de algum modo, o trivial, invocando, para justificá-lo, a causa da sua presença na Bahia: uma visita ao Passado.

De fato, viera até nós com o propósito de viajar à enseada do descobrimento, e, prosseguir, depois, pela orla marítima, em demanda da Amazônia, buscando, ao estreito contacto das paisagens naturais e dos costumes, os motivos de inspiração para uma obra grandiosa, que seria, com o nome de Vera Cruz, a epopéia da nacionalidade desde a chegada de Cabral.

É certo, portanto, que, mais do que nunca, mais do que tôdas, aquela visita à Bahia era uma visita ao Passado...

Relembrando-a, numa crônica, constante depois, do volume «As quintas», transmitiu-nos *Coelho Netto* êste quadro da sua estada de poucos dias em Santa Cruz:

"O meu prazer era ficar à janela, olhando a costa e a imensa baia em cujas águas fundeou a frota de Cabral; e, andando com os olhos de um a outro ponto, guiado pela famosa e fidelíssima carta de Vaz de Caminha, recompunha in situ, com personagens imaginárias, mas que se moviam como se fossem reais, o grande acontecimento, com todos os episódios citados pelo escrivão, desde a primeira visão do monte Pascoal, a descida à praia coalhada de selvagens, a missa, as cenas alegres do gaiteiro, até o triste abandono dos degredados que ficaram chorando entre as dunas, com os olhos alongados, seguindo as velas que se perdiam no horizonte". (17).

Um desses degredados serviu, como vimos, de protagonista à sua conferência sôbre «O Beijo das Raças». Tôda a conferência, a bem dizer, desdobrava aquela visão.

Rememorando a excursão de *Coelho Netto* à Bahia, em 1899, excursão que da capital se prolongou ao sul do Estado, com possível parada em mais de um lugar no caminho de Santa Cruz, (o vapor *São Felix*, da «Companhia Baiana de Navegação», em que o escritor embarcou, anunciava tocar em Ilhéus, Una e Canavieiras) — lícito é imaginar quão preciosas teriam sido as sugestões colhidas pelo viajante, na sua curiosidade de tudo ver, sentir e anotar, e como enriqueceriam elas o entrecho de um romance ou as fôlhas de um livro de lembranças, se os houvesse escrito com êsse intento.

Dá-nos conta *Artur Mota* de que iniciativa semelhante teria sido interrompida por *Ferreira de Araújo*, desaconselhando a *Coelho Netto* continuasse a publicar na *Gazeta de Notícias* impressões de uma viagem ao Norte, sob o pretexto de que eram «deficientes e falsas» as informações sôbre a Bahia. Acrescenta a notícia que os originais dessa colaboração foram confiados à livraria Al-

ves, para um volume que se denominaria «Viagem de uma família brasileira ao Norte do Brasil». (18) Rotulado, embora, de «impressões de viagem», o livro — a considerar-se, ao menos, o título — não escaparia, de todo, ao feitio romanesco, e por êsse prisma nenhum maior inconveniente redundaria das informações que, a juizo, quiçá severo, do grande jornalista, pecavam por inverídicas e falhas em relação à Bahia. Cuidando, generosamente, defender-nos, o censor talvez nos tenha privado de conhecer, sob o artifício da arte, mas sem os deveres a que obrigam gentilezas deferidas, o pensamento do esperançoso moço a nosso respeito. Uma pesquisa, ainda possível, nas coleções da famosa fôlha fluminense, poderia revelar, na sua real expressão, êsse pensamento, levando-nos à evidência de que a imagem que o adolescente guardou da Bahia, quando por aqui passou em 1883, em nada diferia da que nos comunicou, com franqueza, em 1923, recuando-a exatamente àquele ano. Um ato de protecionismo oficial, cedendo a graciosa influência feminina, impediu, como se sabe, a nomeação de *Eça de Queiróz* para consul na Bahia, «cidade alegre», como lh'o diziam, com «aspectos de água venezianos» e com muitas osgas, no que logo se demonstra, de uma parte, lamentável confusão com a cidade do Recife e, quanto a lagartixas, propositado exagêro, para que lhe fôsse permitido ironizar, à nossa custa, com o afirmar que o sacrifício da estranha convivência valeria, desde que o exigisse o interêsse da Pátria...(19). Restou-nos, com isso, o desconsôlo de não vermos a terra e a gente da Bahia copiadas do vivo pela pen do escritor, através de páginas ou de algumas poucas tintas, que, de qualquer maneira, fariam a sua imortalidade, bôa ou má, além do Atlântico.

De Coelho Netto, múltiplos foram, e em variadas oportunidades, os tributos de calorosa simpatia, inspirados em motivos nossos, motivos do passado e do presente. Aquele «Hino à Bahia», improvisado, quase, nas bancas do *Diário da Bahia*, onde o acolhera, de braços abertos, um companheiro da sua juventude, *Henrique Cancio* (20), constitui esplêndido retrato da nossa quadricentenária cidade, retrato de uma cidade que parecia arcaizar-se dentro dos moldes que a colônia lhe deixou e retrato de uma cidade que se modernizava ao influxo das profundas transformações urbanísticas que assinalaram, no Brasil, o advento do século. O contraste das duas idades, que é o encanto do burgo de Tomé de Souza, e, inexiste, por exemplo, em Brasília, respondendo pela irremediável monotonia dos seus aspectos, proporcionaria, òbviamente, a um prosador da têmpera de *Coelho Netto* assunto farto para apreciação e louvação.

Uma das manifestações dêsse enlevo é o artigo que dedicou ao venerando teatro São João, quando um incêndio criminoso o destruiu. Vira-o, mêses antes, ainda de pé, mostrando ao transeunte, nem sempre cioso das suas glórias, «as cicatrizes do corpo combalido.» E explicava: «Já as suas portas se não abriam, como dantes, às grandes multidões — a velhice tornara-o suspeito, temiam o colosso que ameaçava ruína. E ali jazia o patriarca ao tempo, esperando a morte». «É o passado que se retira cedendo o terreno ao

Futuro», concorda o cronista. «Os de hoje respeitavam o edifício, mas não o amavam, e, comparando-o com os que, diàriamente, aparecem na cidade, que se renova, achavam-no um trambôlho». Preconizando que naquele ponto se levantasse, em compensação, outro teatro, «para continuar, no mesmo sítio, a glória do que pereceu» — no que não o escutaram, infelizmente, os governantes — proclamava que, assim, a nova casa falaria aos de amanhã do que foi a antiga, e « o espírito do passado, como a alma dos avítos, viverá em outro corpo, como se transmite de geração a geração a alma dos ancestrais». (21).

Mas não é só a continuidade do espírito que dá à Bahia privilégios tais, senão, também, a própria continuidade no solo. Quantas árvores, nascidas antes de nós, resignadas aos nossos maus tratos de criança, e dispostas à sobrevivência quando os nossos olhos se fecharem à alegria de as contemplar, quantas árvores desafiam, dispersas, aqui e ali, no conglomerado urbano, a ação do tempo, como resistem à ação do homem, na sua faina desordenada de plantar, em nome do progresso, os monumentos de pedra que avultam, hoje, nas grandes cidades do passado!

Símbolo dessa perenidade heroica, na capital baiana, é a imensa mangueira que, no Corredor da Vitória, acontecendo há cinquenta anos, o alargamento da rua, para que a avenida Sete de Setembro passasse a sua fita de asfalto, ficou, respeitada, à entrada do palacete onde teve hospedagem, um decênio depois, a embaixada esportiva do *Fluminense*, e era, então, a confortável sede do *Club Euterpe*. (22). Desfeita, amanhã, a imponente copa, a sua lembrança subsistirá nos écos desta eloquente apologia que lhe endereçou, ao despedir-se da casa, o preclaro chefe da embaixada:

"Nesta casa, cujo orago é a musa harmoniosa, há um emblema de hospitalidade no limiar, que é a frondosa mangueira centenária. Durante os vinte dias, que tantos foram os que nela gozou a fidalga hospedagem do Baiano de Tenis a embaixada do Fluminense Football Club, ao sol a árvore espalhava a sombra larga dos seus ramos, e, à noite, desabrochava em flôres de luz, aclarando radiantemente em volta como uma constelação. O que essa fronde representava, em carinhoso anúncio, cumpria-se na casa, ádito da Alma Baiana, boa, meiga, generosa e alegre. Se o sentimento, dissolvendo-se em lágrimas furtivas, florecesse na terra onde caissem tais sementes do coração, que lindo jardim de saudades deixaria em volta desta casa a embaixada que hoje a deserta levando a alma cheia de recordações...!" (23).

Os postais — escrevia, por sua vez, *D. Gabi*, agradecendo estampas da cidade que lhe haviam sido ofertadas, — «os postais refletiram os sítios que, se a saudade marcasse, estariam assinalados pelo que nêles ficou dos nossos corações». (24)

E nesse ano de 1923 a pequenina *Santa Cruz*, brindada, em 1899, com a visita de *Coelho Netto*, realizou, também, um ato de singular delicadeza: ligando uma à outra as duas datas memoráveis, conduziu pelas suas ruas modestas, em apoteótico desfile, o retrato do seu amigo (25).

UM BAIANO ENTRE AS PERSONAGENS DE «A CONQUISTA»

A circunstância de haver saudado a Embaixada do «Fluminense» e o seu Presidente, no banquete com que os homenageou, na noite seguinte à da chegada, o «Clube Baiano de Tenis», proporcionou-me a obtenção de um documento de que presumo não existir similar. Trata-se de um elenco das personagens da «A Conquista», identificadas, do próprio punho, pelo romancista.

Possuindo, com meu Pai, um exemplar, que primeiramente lhe pertencera, da edição príncipe, datada de 1899, e adquirido na *Livraria Olivieri*, do honrado comerciante *Fernando Carlos Koch*, entreguei-o timidamente, a *Coelho Netto*, para que m'o devolvesse com a preciosa achêga. Sabia, bem, que era pedir demais; mas, afóra aquela circunstância, que supunha relevante, outra pesava em minha ajuda, constituindo, porventura, fator decisivo para o deferimento.

Seria a surprêsa, talvez lisonjeira para o escritor afamado — pelo menos o admitia eu na minha perdoável pretensão — em vendo a posse de um livro seu, e, certo, o que mais lhe tocava o coração («Irmãos meus, debruçai-vos sôbre êste rio caudal de lágrimas e revêde-vos recordando os dias amargos do passado saudoso», são dizeres do introito) transferir-se de pai a filho, dentro de um mesmo fervor de admiração que era, outrossim, um legado.

Enuncio tais pormenores, por servirem de ilustração ao episódio, confirmando no perfil de *Coelho Netto* o traço de uma simplicidade que era, a meu conceito, tamanha quanto o seu talento. Dias depois, tornava ao meu poder o ambicionado volume, contendo, de alto a baixo de uma das fôlhas, anteriormente em branco, esta legenda, até agora inédita:

Rui Vaz	—	Aluizio Azevedo
Anselmo Ribas	—	Coelho Netto
Paulo Neiva	—	Paula Ney
Octávio Bivar	—	Olavo Bilac
Fortunio	—	Guimarães Passos
Luiz Morais	—	Luiz Murat
Pardal	—	Pardal Mallet
Arthur	—	Arthur Azevedo
Duarte	—	Arthur Duarte
Dr. Teixeira	—	Dr. Teixeira de Souza
Lins	—	Lins d'Albuquerque
Crebillon	—	Henrique Pedro Guillon
Toledo	—	Carlos de Toledo
Freitas	—	Euclydes de Freitas
Pedroso	—	João de Deus Pedroso
Franco	—	Franco
Montezuma	—	Orozimbo Moniz Barreto
Oliveira	—	Oliveira e Silva
Victorino Motta	—	Victorino Roque
Rodrigues	—	Rodrigues
Raul	—	Raul
Visconde de Montenegro	—	Visconde da Barra Mansa

S. Salvador — 20-IV-923

Coelho Netto

«A Conquista», como se sabe, é o segundo de três livros onde *Coelho Netto* condensou, sob forma romanêsca, as recordações da mocidade. O primeiro, *A capital Federal*, tem a data de 1893. O último, *Fôgo Fátuo*, de 1929, é, já, um livro anacrônico, como observa *Naief Sáfady*, concluindo, aliás, com irrecusável argumentação, pela preeminência dêsses três romances no conjunto da obra de *Coelho Netto*, exatamente porque o caracterizam como um ficcionista cuja fôrça residia, antes, em «viver, ou conviver, determinada realidade, alçando-a ao plano da supra-realidade», do que, pròpriamente, em «adensar a ficção com realidade humana». (26)

Se *A Capital Federal* preparou *A Conquista*, é fato que *Fôgo Fátuo* reincidiu desnecessàriamente no tema, e até desinteressantemente. Talvez que por isso nenhum dos dois romances houvesse sensibilizado como *A Conquista*, que ainda é capaz, a despeito de sua antiguidade, de comover leitores novos. Vem daí o seu prestígio nas três décadas iniciais do século, positivado na leitura quase obrigatória de quantos, durante êsse largo período, passaram pelos vinte anos, isto sem falarmos na veleidade de tantos que sonhariam copiar o feito em relação ao seu tempo ou ao seu grupo, o que não seria, contudo, possível, desde que, òbviamente, mudadas as condições de ambiência.

Justifica-se, dest'arte, o permanente cuidado dos historiógrafos literários no recensearem as personagens de carne e ôsso da «*A Conquista*». E compreende-se, ademais, que as numerosas listas comecem, ou se limitem aos «boêmios» que atingiram ou conservaram notoriedade nacional, tais *Coelho Netto, Olavo Bilac*, os irmãos *Aluizio* e *Arthur Azevedo*, seguidos, imediatamente, de *Guimarães Passos, Luis Murat, Paula Ney* e *Pardal Mallet*.

Na sociedade da «A Conquista», é ao que se pode chamar de o «escol intelectual», a cuja volta ou sob cuja influência giram os demais participantes, reais ou imaginários, do entrecho. A êsse «escol» é que *Coelho Netto* dá a prioridade no seu índice, não respeitando, portanto, a ordem da apresentação no curso do enredo. E sucedendo que é de *Rui Vaz* o nome que a todos antepõe, não será despiciendo conjecturar que, a seu gôsto, fôsse «A Conquista» o romance de *Aluizio Azevedo*, como *Fôgo Fátuo*, trinta anos depois, seria, declaradamente, o romance de *Paula Ney*.

Figuras de segunda plana, pelo concurso irrelevante que prestam à teia novelesca, é contingência a que não escapa nenhuma obra de ficção, por menos compacta a humanidade nela encarnada. Acresce, no caso em tela, a carência de credenciais por que elas se recomendem à lembrança do leitor, quiçá do autor do romance. *Franco, Rodrigues, Raul*, assim nomeados na trama da «A Conquista», e por essas mesmas designações, que decerto não bastam para os indigitar na vida civil, contempladas na súmula de *Coelho Netto*, pagam o tributo fatal. De outros, porém, — cumpre esclarecer — resta perene memória, até pelos atributos pessoais; não os menciona, entretanto, o escritor, pelo exclusivo motivo de que atuam no romance sem disfarce de nome, como, por exemplo, *Patrocínio*. (27)

Entre os rapazes da «A Conquista», desse grupo que as sombras do olvido envolveram no quase anonimato, há úm que é baiano, chamado *Freitas*, e qualificado como poeta «satírico». Revela-nos *Coelho Netto* o seu prenome, *Euclides*, prova de que o não

esqueceu, como a outros. Nem poderia deslembrar-se dele, se considerarmos que lhe coube por sorte, comparecendo embora uma só vez ao romance, apresentar *Olavo Bilac* a *Coelho Netto*, ligando-os por uma amizade fraterna, que jamais experimentaria desfalecimento ou intermitência.

A acreditarmos em *Sacramento Blake*, nem sempre fiel nas datas, nasceu *Euclides Alves Freitas* em 1855, o que o fazia nove anos mais velho do que *Netto* e mais dez do que *Bilac*. A cena de que é protagonista oferece-nos uma idéia nítida do seu temperamento folgazão e amigueiro. É evidente que não corriam da sua exuberante intimidade os dois adolescentes, por êle aproximados, um dia, num encontro casual de rua.

Foi nessa noite — narra o romancista, reportando-se a *Anselmo* — «foi nessa noite que, por intermédio de *Freitas*, um satírico baiano, êle conheceu *Otávio Bivar*. Desciam a rua do Ouvidor quando encontraram o poeta diante de uma vitrina admirando os braceletes que faiscavam nos escrínios de veludo. O *Freitas* atirou-lhe uma palmada ao ombro; o poeta voltou-se repentinamente, espantado; dando, porém, com êle, tranquilizou-se». (28)

Seguiu-se a curta apresentação, com o indefectível decantar a goles de cerveja, ato rotineiro numa época em que, como assinala *Brito Broca*, (29) beber, até mesmo excedendo-se, era costume de que se jactavam os literatos, a ponto de tal qualidade parecer consequência daquela prática:

— Que fazes aí?

— Admiro. E tu, como vais?

— Bem. Conheces aqui o **Anselmo**?

— De nome —

— Êste é o **Bivar**, o homem que ouve estrelas. Vamos tomar alguma cousa.

— Podemos ir.

— No Deroche.

— Não, aquilo ali é impossível; não se pode estar à vontade. Vamos ao **Gambrinus**, é uma bodega honesta e desconhecida ainda.

— Na rua Sete?

— Sim.

Dirigiram-se pausadamente para a cervejaria e, logo que se abancaram, o *Freitas* atirou-se aos tremoços, pedindo ao poeta que recitasse alguma coisa».

Bilac, depois de negativas não muito convincentes, assentiu em recitar «qualquer cousa antiga...» E declamou «uma cousinha»: o *Julgamento de Frinéa*...

"O **Freitas**, embevecido, dava com a cabeça, cerrava os olhos e mastigava tremoços; **Anselmo** fitava o poeta com admiração. Ao fundo da casa dois homens, em mangas de camisa, falavam alto. O **Freitas**, não se conteve, voltou-se com um "psiu" e os homens começaram a sussurrar— só a voz do poeta rolava profunda e grave, num turbilhão de rimas sonorosas.

— Admirável! exclamou o **Freitas** quando o poeta, num gesto largo, repetiu as palavras de Hiperides — "Pois condenai-a agora!" — arrancando dos ombros da hetaíra a túnica que encobria o seu maravilhoso corpo. Não

ficaram, por certo, mais maravilhados do que os dois rapazes, os velhos austeros do Areópago.

— Soberbo! exclamou o Freitas, reclamando mais cerveja. Anselmo ficou algum tempo a fitar o poeta, sem dizer palavra, arroubado".

Então, *Bilac* apela para *Anselmo*, tratando-o, ainda, cerimoniosamente:

«— Agora, o senhor: recite-nos alguma cousa.

— Isto não faz versos, disse com desprêzo o *Freitas*. É só prosa chilra».

A rude advertência foi pretexto para que os três debatessem o tema de poesia e prosa, até que *Freitas* se despediu, no mesmo tom de intimidade:

"Levantaram-se. A noite negra ameaçava.

— Parece que vem muita chuva.

— Parece.

— Eu vou já para casa, adeus! Vocês ficam ainda por aqui, não?

— Ficamos, disse Anselmo. Eu, com uma noite destas, não me atrevo a ir à Cascadura.

— Está em Cascadura?

— Estou, mas desço amanhã ou depois; mesmo não posso morar tão longe trabalhando em um jornal da tarde. Entrei para a Gazeta.

— Ah!

— Bem, adeus, rapazes! disse o Freitas.

— Adeus! E nós?

— Vamos dar uma volta por aí. Eu adoro esta cidade à noite".

E «seguiram lentamente», *Bilac* e *Coelho Netto*. Foi o primeiro colóquio de duas almas, que o destino, pelas mãos amigas de *Euclides Freitas*, tornaria irmãs na vicissitude e na glória.

Verifica-se, enfim, da movimentada passagem, que o nosso talentoso patrício, classificável, hoje, na ordem dos extrovertidos, assume, no episódio, posição extremamente simpática, sobretudo pelos dons de afabilidade e de franqueza, que seriam linhas mestras do seu temperamento. Nem se perca de vista que, sendo mais idoso do que os outros o suficiente para lhe impôr, com as licenças da idade, os seus versos, — que também êle os perpetrava — preferia confraternizar, expandindo, a plenos pulmões, uma capacidade admirativa, que facil é avaliar quanto contribuiu, nas rodas da boêmia literária, para a popularidade do poeta que ouvia estrêlas. Pena é que não mais aparecesse nas páginas da «A Conquista», nem o incluisse o romancista na galeria de *Fógo Fátuo*. Caprichos de romancista!

Mas da sua fidelidade à grei, nenhuma prova seria melhor do que o seu quinhão de sacrifício, vítima, que era, vez por outra, nas colunas do *Corsário*, da mesma maldade com que os mofineiros da rua de São José hostilizavam *Patrocínio* e os seus companheiros de cruzada redentora.

Não o vemos perfilado em *Retratos a carvão*, sem que à pena irreverente do plumitivo ocorresse, a seu respeito, um só termo, um só conceito, benevolentes? (30) Restar-lhe-ia, talvez, consolar-

se de haver sido retratado na companhia de *Artur Azevedo, Teófilo Dias, Ernesto Sena*, como, antes e depois, pelo mesmo crivo passaram *Rozendo Moniz, Melo Morais Filho, Sílvio Romero, Carlos de Laet, Patrocínio, Tobias Barreto, Machado de Assis*, tantíssimos outros, todos, figuras ou figurões, submetidos a um implacável juizo caricatural, que apenas em relação a uns raros se mostrava atenuado. Não menos ilustres, por seu turno, eram os parceiros de *Euclides Freitas* nas cervejadas do *Café Anglais*, conforme a mesma fôlha, de outra feita, os arrolou, apelidando-os, irônicamente, de «os literatos da rua do Ouvidor»: *Artur e Aluizio Azevedo, Silvestre de Lima, Felinto de Almeida*, outros. (31)

No círculo literário e social onde o autor da «A Conquista» recrutou as personagens viventes, *Euclides Freitas* teve, pelo visto, a sua notoriedade, pôsto uma notoriedade, muitas vezes, adversa, o que pode convir aos políticos, mas desserve, seguramente, os intelectuais.

Dêle poderíamos repetir o que *Ciro Vieira da Cunha*, no seu livro sôbre *Paula Ney*, disse de *Lins de Albuquerque*: que «embora dado às musas, só chegou até nós como boêmio, através das luminosas páginas de «A Conquista». (32)

Mas de *Lins de Albuquerque*, ainda os autores, em geral, contemplam o nome, na relação, que divulgam, das personagens da «A Conquista». De *Euclides Freitas*, nem isso. Pouco importa: êle teve por si a lembrança de quem escreveu o romance. (33)

COELHO NETTO E OS PRÉLOS BAIANOS

Os prélos baianos foram frequentados por *Coelho Netto*, nos princípios do século, quer em artigos escritos, especialmente, para o *Jornal de Notícias*, quer através de livros seus editados pela *Livraria Catilina*, de *Romualdo dos Santos*, de brilhante tradição nos fastos do nosso comércio de livros.

É de 1913 o primeiro dêsses volumes. Tinha por título *Contos Escolhidos*, apresentando, num tomo de quase quinhentas páginas, primorosa feição gráfica, que, em bôa quantidade de exemplares, sobremaneira se valorizava por finíssima encadernação de percalina, até hoje resistente ao tempo, na mão de alguns afortunados possuidores, um, pelo menos, com certeza (34)

Não eram trabalhos destinados particularmente àquela edição, mas selecionados de livros anteriores, como *Rapsódias, Baladilhas, Sertão, Romanceiro, Seára de Ruth, etc.* Ao pé de cada produção, autor e editor consignavam, honestamente, a procedência, salvo quanto a cinco ou seis, que, pela primeira vez, provàvelmente, entravam em livro. Numa das fôlhas de apresentação da obra, estava dito ser «de propriedade da *Livraria Catilina*» a edição, hoje, por sinal, rara.

Um lustro depois, voltou *Coelho Netto* a ser editado na Bahia. É o volume a que denominou *Versas*, entregue ao público em 1918. São pouco mais de trezentas páginas, coligindo, por igual, antigas produções. Aqui achará, — avisava o autor no proêmio — «aqui achará, quem tiver paciência de revolver fôlhas sêcas, novidades e velharias. Quantas fôlhas há que envelhecem e morrem sem nunca terem sido contempladas? É justo que as contemplemos,

porque há mortos que valem mais, no seu adormecimento, que muitos vivos nas suas ações».

Versas... talvez não lembrasse ao escritor, escolhendo o título, aquele pensamento atribuido, numa das passagens de «A Conquista», a *Artur Azevedo*, quando louvava perante êle, *Anselmo*, o dom da simplicidade no estilo: «A idéia só se manifesta num termo, o resto, versas, meu amigo, versas». (35) Mas o livro estava vicejante de idéias: De idéias que eram flôr e fruto e não fôlhas amarelecidas e mortas...

Por documento que foi conservado, carinhosamente, pela *Livraria Catilina*, é lícito admitir-se que pela propriedade dessa edição tenha sido paga a *Coelho Netto* a importância de um conto de réis. Trata-se de recibo datado pelo escritor, do Rio de Janeiro em 13 de julho de 1918, nos termos seguintes: «Recebi do Sr. J. Ribeiro dos Santos, por ordem e conta do Sr. Romualdo dos Santos, da Bahia, a quantia de 1.000S000 (um conto de réis) da qual dou recibo em duplicata para um só efeito». Embora no texto não se apontasse a natureza dos serviços retribuidos, tudo indica que fôssem direitos autorais; e a coincidência do ano mencionado no recibo com o da publicação do livro, (1918) conduz à firme convicção de que eram direitos autorais devidos por essa edição. (36)

Em 1920, saía do prélo baiano o terceiro e último volume: *Frutos do tempo*, com apresentação gráfica inferior ao primeiro. Era de quatro mil réis o preço do exemplar, não declarado, aliás.

No Jornal de Notícias, cujo proprietário e diretor, *Aloysio de Carvalho*, apenas dois anos mais moço do que *Coelho Netto*, mantivera com êle amizade, ao tempo da juventude, quando estêve na Côrte, para estudos superiores de Engenharia, que não concluiu, a colaboração foi iniciada em março de 1903, estendendo-se, variada e atraente, pelo ano imediato. (37) Residia, então, *Coelho Netto* em Campinas, aonde fôra disputar, logrando aprovação, a cadeira de *Literatura* do ginásio local, no nobre intento de assentar em bases mais sólidas do que os recursos oriundos da pura atividade literária a subsistência da família, que aumentava.

A Campinas, aliás, dedicaria êle as mais enternecidas palavras com que uma cidade, que sabe e pratica as regras da hospitalidade, pode ser presenteada por visitante: «...o tempo que ali vivi — e foram três anos — passou tão rápido que hoje, se o recordo, tenho-o por um sonho feliz, dêsses que a gente lastima que não se cumpram e deseja readormecer para os continuar». 38)

Compreende-se, em termos tais, que a colaboração para a Bahia assumisse, de longe, apreciável assiduidade: às mais das vêzes semanalmente, os baianos liam, de primeira mão, o escritor admirável, versando os mais diversos temas, que iam da simples fantasia ao comentário présto sobre o livro, o acontecimento, a individualidade do dia.

Numerosos dêsses artigos, senão todos, seria fácil reencontrar, perpetuados em livro. Assim, para citarmos dois, de logo anotados, *A nova raça* e *Romance triste* vêm, ambos, no volume «A bico de pena», que possui, no frontispício da segunda edição, aquela a que nos referimos, a indicação de reunir «fantasias, contos e perfis», relativos ao período de 1902 e 1903.

Pormenor bastante interessante, no cotejo, por exemplo, do texto manuscrito de *A nova raça*, que pertenceu ao arquivo de meu

pai. com o texto publicado em «A bico de pena», é o da sua perfeita identidade, a tal ponto que, salvo de duas vêzes, os lugares assinalados, no original, ao compositor tipográfico para que observasse parágrafo, guardam, no livro, a mesmíssima posição. (39) Merece realce o fato, pelo que exprime do cuidado e segurança de *Coelho Netto* na execução das suas tarefas, sôbre demonstrar que um artigo elaborado pela sua pena, para inserção em jornal, saía definitivo e escorreito, como se fôra capítulo de livro, em regra pesado e repesado. E porque tivesse sempre em vista recolher, futuramente, a um tômo, o que escrevia, a contrato, para o vespertino baiano, explica-se a impaciência com que reclamava do diretor e amigo a remessa dos números em falta. Eis a curiosa amostra de um cartão de Campinas, aos quatorze de novembro de 1903: «Ao amigo Aloysio. Não tenho recebido um só número d'«O Jornal de Notícias». Porque? Saudades de *Coelho Netto*». (40

Está claro que o trabalhador infatigável não consentia atrazo, por culpa alheia, no desvêlo de recortar e de arquivar o artigo, para a próxima coletânea de produções de idêntico porte. Acresce a tudo que os artigos eram pagos, (41) suscitando, naturalmente, no escritor o interêsse de os ver publicados para a certeza, além do mais, de que haveria retribuição ao seu esfôrço. Quem sabe quantas vêzes aqueles mil reis ganhos e outros mais, por semelhantes vigílias intelectuais, não vieram desafogar o orçamento caseiro, favorecendo a D Gabi horas menos atribuladas, para que pudesse atender aos encargos da maternidade e mais contemplativamente sorrir à glória do marido!?

De resto, a remuneração a que se obrigarao «Jornal» acompanharia, de perto, o padrão adotado, ordinàriamente, na imprensa do Sul. A êsse propósito, *Brito Broca* registrou, no seu precioso livro sôbre «A vida literária — 1900», que, pela época, o *Jornal* do *Comércio* pagava a trinta, cinquenta e até sessenta mil réis a colaboração». «Em 1907, *Olavo Bilac* e *Medeiros e Albuquerque* tinham ordenados mensais pelas crônicas, publicadas, respectivamente, na *Gazeta de Notícias* e no *O País*; o mesmo acontecia com *Coelho Netto* no *Correio da Manhã*» — concluia o cronista, esclarecendo, ademais, haver colhido a informação num tópico da mencionada *Gazeta de Notícias*, pelo ano de 1907. (42)

Não era, portanto, desarrazoada a ressalva, desde o início / anteposta a cada artigo, de ser «original para o *Jornal de Notícias*». Não contente, a redação da fôlha passou a inserir, frequentes vêzes, êste apêlo-advertência: «Pede-se aos colegas que transcreverem êstes artigos o obséquio de declararem a sua procedência». Era a prevenção, tantas vêzes inútil, ao contrabando de idéias. Escritor e jornal manifestavam-se dest'arte, ciosos, um, do que produzia, outro, da riqueza rara que oferecia aos seus leitores.

Pelo exposto, é justo pleitearmos para o *Jornal de Notícias*, da Bahia, um lugar no longo rol de jornais brasileiros em que *Coelho Netto* colaborou, constante, do livro de comovidas reminiscências de *Paulo Coelho Netto*. (43)

CONCLUSÃO

Enfeixamos, aqui, um punhado de recordações, de vária espécie e de vário tempo, do brasileiro ilustre cujo centenário de nascimento estamos comemorando. Diríamos melhor que foi uma reportagem retrospectiva, em que há, contudo, muito de ciência própria e outro tanto de saudade de dias que já se vão distanciando de nós...

Com isso, quiséramos retribuir, pôsto que em tôscas palavras, a dádiva com que *Coelho Netto* distinguiu, há quarenta anos, a nossa terra, pondo a sua palavra peregrina a serviço do *Instituto Histórico*, monumento erguido aos feitos imortais da nossa gente. Disse-lhe, então, o Poeta, em nome da Bahia, que no frontão do edifício a sua frase de cantor da Pátria e da Beleza ficaria lavrada, para a eternidade.

Agora o confirmamos nós, solenemente. E se esta é uma Casa onde se cultiva a História, cumprimos, afinal, o primeiro dos nossos devêres, tornando bem viva, nesta data, a memória de quem espalhou, pela terra, mancheias de Beleza, sonhando com uma Pátria forte pelo vigor da sua Juventude e pelo esplendor da sua Cultura.

NOTAS AO TEXTO

(1) — **Coelho Netto** — "Um hino à Bahia" (**Diário da Bahia** de 3-4-1923). A capital da Bahia devia notabilizar-se, de fato, por sua "sujeira", naquela década de 1880. Haja vista que o depoimento de **Coelho Netto** é confirmado pelo de **Artur Azevedo**, que demorando alguns dias na cidade, em 1893, escreveu, de volta, no "O Album", periódico literário de sua direção, não haver encontrado a Bahia "tão suja", como "ha dez anos", quando a visitara. (Ver "O Album" — n. 24 — Rio — junho 1893).

(2) — **Henrique Cancio** — "A dádiva régia do Fluminense — A conferência do maior romancista vivo da raça, pela "**Casa da Bahia**" — **Diário da Bahia**, de 3-4-1923.

(3) — **Mano** (Emanuel Coelho Netto) faleceu em 30 de setembro de 1922. A excursão do Fluminense à Bahia, sob a presidência de **Coelho Netto**, ocorreu em abril seguinte.

(4) — **Arthur de Sales** — "A oração a Coelho Netto" **Diário da Bahia**, de 14-4-1923.

(5) — **Fialho d'Almeida** — "Coelho Netto" — **Barbear, pentear** — 5.ª edição — 1960.

(6) — Em seu livro sôbre **Pethion de Vilar** (2.ª ed. São Paulo — 1967) lembra **Octacilio Carvalho Lopes** que o poema "O Beijo das **Raças**", do poeta baiano **Alvaro Reis**, é a transposição para o verso do entrecho da conferência de **Coelho Netto**.

(7) — **Herman Lima** — "Lembrança de Coelho Netto" — **Revista da Semana**, de 24-7-1948 — Outro espectador, êste ainda menino de colégio, transmitiu, há pouco, as suas reminiscências, a que acrescentou as da viegem de retôrno a Salvador, findas as férias escolares, passadas no Rio, viagem feita, por coincidência, no mesmo transatlântico que transportava a embaixada do **Fluminense**. **Coelho Netto** — recorda **Péricles Madureira de Pinho** — "era um conversador admirável, reunindo sempre grande grupo de ouvintes, entre os quais estava o menino baiano que voltava à terra. Seu rosto era magro e comprido; o **pince-nez** sempre bem aprumado, a cabeça quadrada completavam fisionomia felina e vivíssima". Quanto à conferência, é, ainda, de **Madureira** esta curiosa observação: "**Herman Lima** depõe sôbre a postura do orador: — **Quase não se movia no palco. Só os olhos por trás dos óculos fuzilantes pareciam ter vida, tôda a vida espiritual concentrada.** O que nos devolve a memória daquela noite famosa é o contrário disso. Estamos a ver **Coelho Netto**, impecável na sua casaca, magro e esguio no seu perfil, a movimentar-se em cena aberta como um ator único, ora num extremo do palco, ora noutro, acompanhando no gesto os meios tons do discurso, frondoso, opulento, de uma sonoridade cantante que não nos saiu dos ouvidos". (Ver "Coelho Netto na Bahia" — **Jornal da Bahia** — 7-3-964).

A impressão de **Madureira** traduz, com fidelidade, o que **Coelho Netto** representou em cena aberta do **Guarani**: ator único, indo de

um extremo a outro do palco, diante de uma platéia que não perdeu, do orador, uma só palavra, o mínimo gesto. Como que o confirma o seguinte passo: à véspera da festiva sessão, o jornal **A Tarde** abriu a primeira coluna com o resumo do que seria a conferência, ditado a um dos seus repórteres pelo palestrante. Quando, no conto, o reinol e a virgem selvagem abandonam a piroga onde subiam o rio, e pisam, ao alvorecer do dia, terra firme, a narrativa correntia para, de súbito, lendo-se, então, esta advertência: "o conferencista aproveita-se do momento para descrever os animais que despertam, correndo cada qual ao cibo". (**A Tarde**, de 13-4-23).

(8) — O preço dos ingressos para a conferência foi fixado em cinco mil réis a cadeira e vinte e cinco o camarote. Anunciando-o, frisou a imprensa que eram preços mínimos, nada impedindo, pois, a liberdade e a generosidade dos que pudessem e quisessem oferecer mais. Também os jornais, dias depois, encareciam aos que ainda não haviam pago os bilhetes aceitos que o fizessem sem tardança, visto que a comissão incumbida do festival desejava encerrar as contas. A importância líquida apurada ascendeu a pouco mais de cinco contos de réis, o que representava, na época, resultado satisfatório. (Ver "Livro de Ouro" no arquivo do I. G. H. B.).

(9) — A saudação do dr. **Clemente Mariani** seguiu-se, na noite de 18 de abril, na sede recém-inaugurada da **Associação Atlética da Bahia**, a uma palestra de **Coelho Netto** sôbre o valor dos esportes. O conferencista fez um retrospecto da prática dos exercícios físicos desde a mais remota antiguidade, demorando-se, especialmente, nas competições atléticas ao tempo da Grécia.

(10) — Foi êste o soneto declamado pelo então acadêmico de direito **Adalício Coelho Nogueira:**

A COELHO NETTO

Artista, quando leio as páginas que pintas,
Cheias do resplendor sereno das imagens,
Renascendo, a sorrir, das épocas extintas,
Eu vejo um turbilhão de cândidas miragens!

E numa exuberante opulência de tintas,
Como no viço agreste e verde das ramagens,
Desenham-se, ante mim, perfeitas e distintas,
Em mágica surprêsa, as helenas paisagens!

Ao condão do teu punho, as eras primitivas,
Vêm à tona do tempo, acordadas e vivas,
— Tal um mundo a surgir dos mistérios da treva!

E ao toque do teu gênio, a visão irradiante
Da Grécia ressuscita, impávida e pujante,
No supremo vigor da beleza primeva!

(11) — A oração de **Heitor Muniz** foi incluida no seu volume de "Discursos Acadêmicos", editado, no mesmo ano de 1923, na **Imprensa Oficial da Bahia**. Depois de saudar **Coelho Netto** como amigo da juventude, exaltando-o como o "grande campeão de uma nação forte, pujante, vigorosa, refletindo na excelência da organização física os valores morais e intelectuais", o jovem orador exaltou a sua generosa contribuição, até em tributo de sangue, para o movimento abolicionista e, pela

década de 1910-20, a ativa participação, ao lado de **Olavo Bilac**, na batalha cívica pelo serviço militar obrigatório, não esquecendo, por fim, de enaltecer o escritor imaginoso e fecundo. Quando da morte de **Coelho Netto**, em 1934, **Heitor Moniz**, jornalista no Rio de Janeiro, escreveria no **Correio da Manhã**, — (dezembro — 1934) — exatamente: "Nunca mais pude ver **Coelho Netto** que não me lembrasse daquela tarde maravilhosa em que o seu verbo potente arrebatou um grande público, que não queria mais parar de aplaudi-lo".

(12) — Cabe aqui, no particular da opulência do estilo de **Coelho Netto**, uma nota interessante: compondo para o **Diário da Bahia**, logo à sua chegada a Salvador, a crônica, anteriormente mencionada, sob o título de "Um hino à Bahia", o escritor adotou, para definir o casario urbano, um termo inusitado — **casaréu** — oferecendo, assim, mais um pretexto aos que o recriminavam de preciosismo na linguagem. O léxico de mais generalizado manuseio no Brasil, por aquela época, era o de **Caldas Aulete** (1.ª edição-1881), que omitia o vocábulo, consignando o aumentativo "casarão", para significar **casa grande**, e o substantivo coletivo (feminino) "casaria", exprimindo **lanço de casas, multidão de casas**. A edição brasileira (ilustrada) de **Aulete** (1958) contempla **casaréu**, apresentando-o como "provincianismo português", com a accepção de "casa grande e velha, sem confôrto", ficando **casarão** na sua função de aumentativo e servindo os coletivos "casaria" e "casario", êste de emprêgo mais popularizado nos nossos dias, para a idéia de grupo ou série de casas. Vista a passagem em que **Coelho Netto** inseriu o termo — ... **vielas angustas, escuras, ladeadas de casaréu sórdido...** — fácil é aquilatar da inteira propriedade do seu uso, como se não houvesse outro designativo para as casas que davam a moldura de tais ruas, quando o visitante, outrora, as avistou, no seu primeiro contacto com a cidade. Repare-se, outrossim, no adjetivo **sórdido**, qualificando **casaréu**, o que denuncia no memorialista o empenho de avivar ao máximo as tintas. Afinal, **casaréu** já dizia, admiràvelmente, o bastante.

(13) — O discurso do acadêmico **Eduardo de Azevedo Espinola** foi publicado, na íntegra, no volume 1.º, ano de 1918, da Revista da **Assistência Judiciária Acadêmica**, de cuja Comissão de Redação era Diretor. — Cumpre memorado que ao passar, um mês antes, pela Bahia, com destino ao Maranhão, **Coelho Netto** foi acolhido por vários intelectuais e amigos, que o levaram até ao **Hotel Sul-Americano**. Aí, servido **champagne**, saudou-o o jornalista **José Gabriel de Lemos Brito**, um dos líderes da oposição ao govêrno do Estado e depois famoso penitenciarista pátrio (**A Tarde** — de 13 de fevereiro). Referindo-se, como vimos, a quatro contactos com a terra baiana, **Coelho Netto** contou num só os dois de 1918, ida e volta ao **Maranhão**. Marcou portanto, as épocas e não, rigorosamente, as vêzes.

(14) — **Diário da Bahia**, de 14-4-1923. — "O beijo das raças — A conferência de **Coelho Netto** pela **Casa da Bahia**".

(15) — Ver **Jornal de Notícias**, de 5-5-1899.

(16) — **Jornal de Notícias**, de 4-5-899 — Ainda o Jornal de 4 noticiou que, na véspera, na sessão comemorativa do aniversário do **Inst. Geográfico e Histórico da Bahia**, **Coelho Netto** recebêra o título de **Sócio Correspondente** e, saudado pelo consócio dr. **Braz Hermenegildo do Amaral**, agradecera, trazendo "cativo às galas fulgentes da sua frase todo um auditório, apenas rebelde nos ímpetos justos dos aplausos com que frequentemente o saudou, acabando por uma apoteose de palmas ao seu belíssimo discurso".

(17) — **Coelho Netto** — Ver no volume "Ás quintas" — Liv. Chardron, Pôrto, 1924 — pág. 153: **Uma lenda ubiqua**. A lenda a que êste título se reporta seria a que o escritor ouviu, em Santa Cruz, ao carcereiro local, e lhe foi, depois, confirmada pelo dr. **Antonio Ricardi da Rocha Castro**, pessoa de prestígio e crédito em Pôrto Seguro: quando, pelos fins do século 18, piratas francêses acometeram, em grande escala, aquelas praias, a resistência improvisada por um diminuto grupo de dez nativos, sob o comando de Pedro Corrêia, enfraquecia a tal ponto que tudo estaria definitivamente perdido, não rompesse "a todo o galope de um cavalo branco, à frente de um bando de soldados, lindo mancebo acobertado de armadura que faiscava ao sol. Investindo com os invasores, repeliu-os, levando-os, pelo mar dentro, a golpes formidáveis". O cavaleiro rutilante seria São Sebastião, a quem, no seu dia, a população de Santa Cruz costuma prestar homenagens — umas de fundo religioso, outras, de caráter profano. Assim divulgando o reconto popular, indagava o cronista (e daí o título "uma lenda ubiqua") se o lance terá origem e colorido próprios ou será mero reflexo daqueloutro episódio que induzira Estácio de Sá a consagrar ao santo mártir a cidade que fundou na baía da Guanabara. E entregava aos pesquisadores o deslinde.

(18) — **Artur Mota** — "Vultos e livros" — 1.ª série. São Paulo, 1921, pág. 44.

(19) — **Archer de Lima** — "Eça de Queiroz diplomata" — Lisboa — Primeira edição em 1925.

(20) — **Henrique Cancio** foi primoroso cronista, por ninguém excedido na imprensa baiana. Dêle, nos tempos da boêmia literária retratada em A Conquista", deixou-nos **Luiz Edmundo** admirável perfil, de que destacamos esta passagem: "Cancio é um tipo membrudo e espesso, metido, sempre, dentro de uma sobrecasaca côr de pérola, com o eterno ar de um homem que vai ao prado de corridas, em Longchamps. É um gigante tranquilo, cheio de enxundias e de verve. (..................) Quando êle surge, o rôsto largo, com sinais de varíola, moreno, forte, iluminado pelo mais venturoso dos sorrisos, espere-se voz, espere-se brado, clamor, barulho. Ouça-se o homem a gritar: — Príncipe! Magnânimo! Chefe! Excelso! Pontífice da minha idéia!" "**O Rio de Janeiro do meu tempo** — "Correio da Manhã" — 19 setembro 1937).

(21) — **Coelho Netto** — "Casas Velhas" — pág. 334 de "Ás quintas" — ed cit.

(22) — Residência, depois, do capitalista Armando Joaquim de Carvalho e sua família. **Coelho Netto**, a senhora e duas filhas, foram hóspedes do governador **J. J. Seabra**, no Palácio da Aclamação.

(23) — Escrito em Salvador, a 21 de abril, no livro de visitantes do **Club Euterpe**, e publicado na revista **Rotary Baiano**, número de outubro de 1943, acompanhando nítida fotografia da imponente árvore. — Como bom jornalista veterano, conhecedor do **metier**, **Coelho Netto**, antes de partir, deixou também escrito, do próprio punho, a seguinte despedida, que os jornais publicariam como "rádio" transmitido de bordo do **Almanzora**, transatlântico inglês em que a Embaixada voltou ao Rio: "Perdida vista terra onde vivemos dias inesquecíveis pedimos imprensa que, como sol, penetra todos lares seja intérprete povo baiano nossa gratidão e grande saudade que trazemos alma — **Coelho Netto**".

(24) — Carta de **D. Gabi Coelho Netto**, datada do Rio, em 4 maio 1923, sendo destinatário o conferencista.

(25) — Ver na **A Tarde** de 13-4-923, telegrama de Santa Cruz.

(26) — **Naief Sáfady** — "A ficção de Coelho Netto" — (**Estado de São Paulo**, de 11-11-61).

(27) — **Patrocínio** é tratado, no romance, também pelo prenome, algumas vêzes pelo nome inteiro de **José do Patrocínio**, outras pelo de **Zé do Patrocínio**. — Compreende-se, aliás, que nenhum dos elencos divulgados seja exaustivo. Reporta-se, por exemplo, **Vivaldo Coaraci** ("Todos cantam sua vida" — 1959) a **Monjardim**, dizendo-o "comensal cotidiano" da casa de **Patrocínio**, seu velho amigo, e, "em tempos áureos, gerente da **Cidade do Rio**", inculcando-o, em suma, como uma das "figuras retratadas" em **A Conquista**. **Coelho Netto** não o contempla na sua relação, pela razão, talvez, de que aparece no romance sem o distintivo de nome ou apelido, antes por simples referência ao "gerente" do jornal, apresentado, por sinal, como homem sem alma...

(28) — **Coelho Netto** — "A Conquista" — Laemmert e Cia. — Rio, 1899 — pág. 268. Tôdas as passagens do romance, aqui invocadas, são extraídas dessa edição, vindo da pág. 268 à pág. 273.

(29) — **Brito Broca** — "A vida literária no Brasil — 1900" 2.ª ed. — pág. 37.

(30) — **Retratos a carvão** era o título de uma secção de curtos perfis satíricos, em prosa, publicada, por algum tempo, no **Corsário**, o temível periódico da última década do Império, que se propunha a "órgão de moralização social". Os primeiros perfilados, no número de 8 de março de 1883, foram **Machado de Assis**, **Escragnole Taunay**, **Silvio Romero**, **Melo Morais Filho** e **Rozendo Muniz**. No número de 3 de abril seguinte saía o perfil de **Euclides Freitas**, nestes termos impiedosos: "Uma cara de quem padece de indigestões sucessivas e de lombrigas, uma cabeleira de quem não tem pente em casa. Poeta de **Dous de Julho**, dos sabiás, e de tôdas as chapas conhecidas. Um maluco e cacête de peroba rijo e forte. É amigo da cerveja barbante e amicíssimo do Segádas Viana". Feito o desconto dos exagêros inerentes a uma caricatura, vê-se que o tipo que o romance oferece e aquele que o **Corsário** difundiu coincidem em alguns traços, considerada, evidentemente, a diferença que há entre um retrato ao natural e um perfil cáustico. Assim, os atributos de "maluco e cacête", a que o perfil do **Corsário** empresta tanto relêvo, não estão longe de confirmar a exuberância de maneiras e de palavras de **Euclides**, que o romance deixa, claramente, perceber. Apenas ali se amplia ou, melhor, se deturpa, o que no livro aparece, na sua medida normal. É quanto ao gôsto pela cerveja, combinam, perfeitamente, os dois depoimentos, não sendo, entretanto, para esquecer que nenhum desdouro haveria na preferência pela **cerveja de barbante**, que teve a sua **vóga**, a que **Euclides Freitas**, como bom nortista, não poderia furtar-se.

(31) — **Corsário**, n. 132, de 21 de agôsto de 1883.

(32) — **Ciro Vieira da Cunha** — "No tempo de Paula Ney — (Coleção Saraiva n. 25 — pag. 156).

(33) — Euclides Alves Freitas era neto, pelo lado paterno (**Pompilio Alves Freitas**) do conhecido poeta baiano **Francisco Alves Freitas**, veterano da guerra da Independência, cuja velhice foi atribulada pela cegueira e por sofrimentos físicos, que não lhe diminuiram, contudo, nem a inspiração lírica nem a aptidão repentista. Seu livro "Nuvens Negras", editado em 1867, está referto de glosas, em cujo número duas destinadas a seu "neto e amigo" **Euclides Alves Freitas**.

(34) — **Coelho Netto** — "**Contos Escolhidos**" — ed. **Livraria Catilina, 1913.** Os volumes encadernados traziam a data de 1914.

(35) — **Coelho Netto** — "A Conquista" ed. cit. — pág. 295.

(36) — O nome que figura no recibo, indicando o intermediário do pagamento, corresponde, sem dúvida, ao do livreiro e editor **Jacinto Ribeiro dos Santos**, estabelecido durante muitos anos, no Rio, à **rua São José.** — Quando **Coelho Netto** esteve em Salvador, em **março de 1918**, a imprensa local noticiou a sua visita à livraria **Catilina**, onde travou conhecimento pessoal com o proprietário e seu editor, o honrado negociante **Romualdo Pinheiro dos Santos.**

(37) — A colaboração ficou acertada através de amigo comum, o Sr. **Julio Pimentel**, alto funcionário do Senado Federal, jornalista paraibano que, antes de fixar residência no Rio de Janeiro, trabalhou na imprensa baiana, conforme lembrou **A Tarde**, (15-2-41) noticiando o seu falecimento. Acrescentava a local que **Julio Pimentel** fôra dos mais operosos e proficuos jornalistas do seu tempo, e que, correspondente telegráfico e epistolar da **A Província**, de Pernambuco e do **Jornal de Notícias**, da Bahia, grangeara-lhes muitas vitórias de reportagem, graças ao trânsito fácil que encontrava na área politica. Por volta de 1911, **Pimentel** fundou e dirigiu, no Rio, o **Jornal dos Estados**, de malograda existência.

(38) — Ver prefácio de "Pastoral". — **Coelho Netto** — edição definitiva — **Chardron** — Pôrto — 1923.

(39) — **Coelho Netto** — "A nova raça" — pág. 113 de "A bico de pena" — 2.ª edição — **Chardron** — Pôrto — 1919.

(40) — Documento recolhido ao arquivo **Aloysio de Carvalho**, ao qual também pertence um cartão de bôas-festas de **Coelho Netto**, em letras impressas, datado de Campinas em 1 de janeiro de 1904. — **A Arlindo Fragoso**, jornalista e homem de letras baiano, coube um exemplar da primeira edição da "A Conquista", com dedicatória do autor, escrita em 1899, e contendo esta síntese comovente do romance: "Meu caro Arlindo — Há neste livro o aspecto de um céu de verão, nos trópicos: azul, mas repentinamente turbado por uma nuvem fugitiva de aguaceiro. Hás de ver o riso ter por ponto final uma lágrima, não uma vez, muitas vêzes". A posse da reliquia, "sob vigília do coração", foi denunciada aos leitores do **Jornal de Notícias** da Bahia pelo mesmo **Arlindo Fragoso**, na secção que aí mantinha, sob o titulo de **Notas à margem**, com o pseudónimo de **Aulo Gelio** (**Jornal**, de 14-3-1918).

(41) — Deixamos de mencionar a exata remuneração por não possuirmos em mão a resposta do "Jornal de Notícias" a **Coelho Netto**, firmando-a. O estipêndio deve ter ficado em quarenta mil réis (hoje, quatro centavos) a julgarmos pela seguinte carta dirigida ao jornalista **Julio Pimentel**, de quem se falou em nota anterior: "**Exposição Campineira de Artes e Artes Industriais** — Campinas, 14 de Janeiro, 03 — Pimentel — Felicito-te pelo nascimento de Nadir. Tenho também um campineiro — Paulo —, de 2 meses, belo e rijo, que veio completar a ruidosa trindade. Vamos à tua proposta: Tenho aqui trabalho à ufa, meu amigo e agora mais um compromisso com o **Correio da Manhã** para um artigo semanal... assim... e, aqui entre nós, a remuneração não seduz. O tempo dos 25$000 já lá vai longe, levou-o o outro século avaro. A vida é hoje dificil, como sabes — deve-

mos cobrar na proporção em que somos cobrados e, cedendo eu a um, abro brecha para outros, o que me não convém. Todos os meus artigos variam entre 50$000 e 40$000 e o **Correio** paga-m'os com mais generosidade exigindo apenas que eu lhe remeta contos. Bem vês que não posso descer tanto com a balança. Fico em 40$000 e, caso aceitem, escreve-me para que eu inaugure a colaboração, fiado nas tuas referências. Sem mais, aqui fica ao teu dispôr o teu, de sempre, **Coelho Netto.** 18 — Rua Francisco Glicerio" — A circunstância de a colaboração de Coelho Netto haver começado em março (21) denota que a sua contraproposta fôra aceita, representando sem dúvida, razoável paga para um jornal de província.

(42) — **Brito Broca** — obr. ed. cits.

(43) — **Paulo Coelho Netto** — "Coelho Netto" — **Valverde, editor** — **Rio** — 1942 — pág. 197.

(*) **O presente trabalho foi lido no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em 21 de fevereiro de 1964. As "Notas ao texto" foram atualizadas pelo Autor em 1968.**